

B"H  
**PARASHAT SHOFETIM**

Este estudo é dedicado à elevação da alma de Esther Alpern a"h

**Favor não transportar este impresso no Shabat, após o Shabat, estará à sua disposição**

**O conteúdo da Parashá de Shofetim**

Esta *Parashá* lida com fundamentos da liderança judaica:

- \* o estabelecimento de cortes legislativas judaicas e, mais adiante, algumas leis relacionadas a juízes.
- \* a nomeação de um rei judeu e várias leis relacionadas às guerras, as quais o rei deve conduzir.
- \* a *Parashá* conclui com a *mitsvá* de *eglá arufá* (a bezerra cuja nuca é quebrada), que envolve tanto juízes como *cohanim*.

Há *mitsvot* especiais para os líderes da nação. Estes devem lembrar que são um exemplo para todo o povo.

Os líderes da nação judaica são:

1. Juízes
2. *Cohanim*
3. Profetas
4. O rei

Todos os acima escritos carregam uma enorme responsabilidade, pois seu comportamento exerce forte influência sobre o resto do povo, positiva ou negativa. Moshê descreveu a *Benê Yisrael* todas as leis que os líderes devem saber.

**Nomear juízes**

Moshê explicou: "Em Yerushaláyim vocês terão o Grande *San'hedrin*." É a mais alta corte legislativa do país. Quando vocês viajarem a Yerushaláyim para *Yom Tov*, vocês poderão ir ao *San'hedrin* com os seus casos de justiça.

"Além deste tribunal, *Hashem* quer que cada cidade em *Érets Yisrael* tenha o seu próprio *Bet Din* (tribunal). Em uma cidade pequena, um tribunal de três juízes já é o bastante. Embora três juízes não possam julgar casos de vida e morte, podem solucionar problemas ligados a dinheiro e propriedade. Uma cidade maior (com pelo menos 120 judeus) deve ter um *Bet Din* de 23 membros. Este *Bet Din* tem o poder de decretar uma sentença de morte.

"Se os juízes de um *Bet Din* estão indecisos a respeito de um caso, eles devem viajar até o Grande Tribunal."

O Grande Tribunal tem setenta juízes e um *nassi* (presidente) sobre eles. O *San'hedrin* se reúne diariamente em uma das salas do *Bet Hamicdash* (Templo). Os juízes sentam-se em semicírculo. Deste modo, eles podem ver uns aos outros e o presidente poderia ver a todos. Quanto maior fosse o juiz, mais próximo do presidente ele se sentava.

Hoje em dia, como a corrente da *semichá* está rompida, não temos mais a *mitsvá* de nomear um *San'hedrin*.

O que é *semichá*?

*Semichá* quer dizer "ordenação". Quando Moshê nomeou Yehoshua e os setenta *zekenim* (anciãos) do *San'hedrin*, colocou as mãos sobre a cabeça deles. Mais tarde, aqueles sábios nomearam os líderes da próxima geração. Mesmo que não tenham colocado as mãos sobre a cabeça de seus sucessores, o ato de ordená-los ainda era chamado de "dar a *semichá*". A corrente de *semichá* continuou a passar dos líderes de uma geração para a próxima.

Quando os romanos destruíram o Segundo *Bet Hamicdash*, queriam abalar a coragem dos judeus. Porém sabiam que enquanto o *San'hedrin* estivesse de pé, o povo continuaria espiritualmente forte. Por isso tentaram destruir o *San'hedrin*, que teve que se esconder. Dar ou receber *semichá* era punido com morte.

Apesar do decreto romano, a *semichá* continuou por mais 150 anos depois da destruição do *Bet Hamicdash*. No final ela foi rompida.

Em toda oração da *Amidá* diária nós rezamos: "*Hashíva shoftenu kevarishona* / Por favor, traga de volta nossos juízes assim como era antes!" Pedimos para *Hashem* trazer Mashiach e restabelecer o *San'hedrin* que novamente concederá *semichá*.

Além dos juízes, a *Torá* manda ter também os *shoterim*, policiais. Os *shoterim* executam os decretos dos juízes. Moshê avisou: "Nomeiem somente juízes capazes e honestos. Lembrem-se de que para ser um verdadeiro juiz de acordo com a *Torá*, o indivíduo deve antes de tudo cumprir ele mesmo as *mitsvot*."

**Uma história: Faça o que você diz!**

*Rabi* Yonatan tinha uma árvore cujos galhos alcançavam o quintal do seu vizinho não-judeu.

Certo dia, dois judeus vieram falar com *Rabi* Yonatan. Um deles reclamou que a árvore do seu amigo se estendia até sua propriedade. Eles pediram para *Rabi* Yonatan resolver a discussão.

Quando *Rabi* Yonatan ouviu o caso, percebeu que ele próprio estava cometendo o mesmo erro. "Por favor, voltem amanhã!" disse a eles.

O vizinho não-judeu de *Rabi* Yonatan ouviu falar sobre o caso jurídico. Ele disse: "Como *Rabi* Yonatan pode dizer para mais alguém o que fazer, quando ele mesmo não está fazendo a coisa certa?"

Naquela noite, *Rabi* Yonatan chamou um trabalhador. "Corte os galhos que estão se estendendo além da minha casa," ele instruiu.

Cedo na manhã seguinte, os dois homens retornaram para ouvir a decisão de *Rabi* Yonatan. "Você deve cortar os galhos que estão avançando," disse ele para o dono da árvore.

O vizinho não-judeu de *Rabi* Yonatan tinha vindo para ouvir como *Rabi* Yonatan decidiria o caso. Ao ouvir o veredicto, ele não pôde se controlar e explodiu com raiva:

"E o que me diz de si próprio?" balbuciou. "Por que você não faz o que diz? Como pode ordenar alguém a cortar os galhos, quando os seus galhos também estão avançando para o meu pátio?!"

"Eles não estão!" respondeu o rabino. "Vá verificar isto você mesmo."

Indo até lá, o não-judeu constatou que *Rabi* Yonatan tinha realmente cortado os galhos.

"Abençoado seja o D'us dos judeus!" ele exclamou. "Seus juízes fazem o mesmo que dizem para os outros fazerem!"

### **Moshê e David, exemplos de justiça**

Todos grandes líderes preocupavam-se profundamente em estabelecer justiça:

- Quando jovem, Moshê censurou um judeu que levantara a mão contra seu semelhante: "Por que está prestes a bater em seu semelhante?"

Como Moshê foi compelido a fugir do Egito por ter matado um criminoso egípcio, *Hashem* recompensou seu amor à justiça nomeando-o, mais tarde, o líder do *San'hedrin*.

- "E David fez julgamento e *tsedacá* para todo o seu povo." (Shemuel II, 8:5)

David era o líder do *San'hedrin*, e seu general Yoav o chefe da polícia, que endossava e cumpria as decisões da corte de justiça de David.

O que o versículo quer dizer quando afirma que David fez "*tsedacá*" bem como justiça?

De acordo com uma opinião, quando um processo resulta na imposição de multa a um pobre, David ordenava: "Reembolsem-no de meus fundos pessoais." Assim, David estendia a caridade a qualquer pobre que perdia a causa na corte de David.

Todavia, David receava que homens desonestos pudessem se aproveitar de sua generosidade, e por isso rezou: "*Assíti mishpat vatsedec, bal tanichêni leoshecai* / Agi com justiça e integridade, não me abandones na mão de meus opressores." *Hashem*, não permita que dois litigantes movam um processo para dividirem o dinheiro que envio ao pobre (*Tehilim* 119:121).

Contudo, se o juiz está determinado a julgar com a verdade, não precisa ter medo de realizar um falso julgamento por não conhecer todos os fatos do caso; ele é considerado responsável apenas pela informação que lhe foi fornecida. (Salvo se suspeitar de fraude; neste caso, deve retirar-se do caso.)

Nesta *Parashá* encontramos o versículo: "*Tsêdec, tsêdec tirdof* / Justiça, justiça perseguirás." Destas palavras aprendemos que se deve perseguir a justiça (somente através) da justiça. Não é suficiente procurar por justiça; esta deve ser feita por meios honestos. A *Torá* não tolera a busca de um fim sagrado por meios impróprios.

### **Moshê adiciona novas *mitsvot* relacionadas à idolatria**

Moshê descreveu *mitsvot* adicionais sobre idolatria. O dever mais importante de um juiz era punir idólatras.

"Vocês não podem plantar uma árvore no *Bet Hamicdash* ou em seu pátio. Árvores na área do *Bet Hamicdash* deveria ser algo maravilhoso. No entanto, o plantio delas é proibido. Os canaanitas plantavam *asherot*, árvores 'sagradas', perto dos seus templos. Por isso, *Hashem* proíbe o plantio de árvores, mesmo se você tiver boas intenções. Isto poderá ser o primeiro passo em direção à idolatria."

Era costume dos idólatras enfeitar seus templos com cenários de jardins, para atrair adoradores. Por isso, qualquer espécie de árvore plantada perto do Altar do Templo é proibida. Assim, vemos que a *Torá* enfatiza o que está dentro das sinagogas, e não na beleza de seu exterior.

"Vocês também não devem erguer uma *matsevá* para *Hashem*." A *matsevá* é uma grande pedra geralmente erguida para comemorar algum evento, sobre a qual eram despejados vinho ou óleo. Os canaanitas usavam as *matsevat* para honrar seus ídolos.

A *Torá* nos conta que nosso patriarca Yaacov ergueu uma *matsevá* em honra a *Hashem*.

No seu caminho até Lavan, Yaacov pretendia passar a noite no Monte Moriyá, onde D'us o recebeu com um sonho profético. Ao acordar, ele percebeu que as doze pedras originalmente postas em volta de sua cabeça transformaram-se milagrosamente em uma só. Yaacov decidiu consagrar aquela pedra como uma *matsevá* (monumento) para *Hashem*. Ungiu-a com óleo, que foi provido a ele pelos Céus. Ajoelhou, rezou em frente à *matsevá*, e disse: "Se você, *Hashem*, permitir que eu volte para casa em paz, eu oferecerei sacrifícios neste local." (Mais tarde, sobre esta pedra, foi colocado o *aron*, a arca, no *Bet Hamicdash*.)

Embora D'us tenha ficado satisfeito com os monumentos dos patriarcas, na Outorga da *Torá Hashem* proibiu esta prática, pois a construção de monumentos havia se transformado em um rito canaanita.

Por que a *Torá* coloca a proibição de plantar uma *asherá* logo após o tópico sobre nomear juízes?

Isto nos ensina que aquele que nomeia um juiz não qualificado é considerado como se tivesse plantado uma *asherá*.

Qual a analogia entre nomear um juiz não qualificado e plantar uma *asherá*?

1. Da mesma forma que a idolatria faz com que a *Shechiná* (Presença Divina) parta, assim o faz a perversão da justiça.

2. Assim como um ídolo é uma interpretação errônea da Divindade, um juiz não qualificado ou desonesto é uma caricatura do conceito de justiça.

### **Todo judeu deve obedecer ao Grande *San'hedrin***

Moshê explicou: "O Grande *San'hedrin* em Yerushaláyim tem a palavra final em todas as questões. O que a maioria dos juízes decide, vira lei. Mesmo se você achar que estão errados na decisão, você deve aceitar isto.

"Por exemplo, você leva perante os juízes um pedaço de carne que acha que não é *casher*. Mas eles decidem: 'A carne é *casher*!' Não diga: 'Como poderei comer esta carne? Estou convencido de que ela não é *casher*!'"

A *Torá* adverte veementemente que as decisões do *San'hedrin* devem ser obedecidas, pois *Hashem* concedeu aos Sábios o poder de interpretar as leis da *Torá* na vida cotidiana. Se houvesse um colapso no respeito à interpretação dos Sábios, a derrocada da nação não tardaria. Tal colapso levaria à anarquia, e a *Torá* se fragmentaria em diversas *Torot*.

Você pode perguntar: "É impossível os juízes cometerem um engano? Afinal, eles só são seres humanos." Mesmo que você possa estar certo, a *Torá* ordena que obedecemos sempre o *San'hedrin*, mesmo que pareçam dizer que a direita é esquerda e a esquerda é direita. E certamente você deve obedecê-los quando é evidente que sua decisão está correta.

Até *Hashem* concorda em aceitar suas decisões haláchicas (sobre as leis). Leia mais sobre isto na próxima história.

### ***Rabi* Eliêzer discute com o *San'hedrin***

*Rabi* Eliêzer *ben* Horkenos era um *talmid chacham* (sábio) excepcional. Seus professores o chamavam de "uma cisterna que não perde nem uma gota". Recordava tudo o que aprendia.

Certa vez, houve uma discussão entre os sábios sobre um forno. "Este forno é *tamê*, impuro", os sábios decidiram.

"Não, é puro" – argumentou *Rabi* Eliêzer. Ele trouxe provas da sua opinião, mas os outros ainda discordavam.

"Deixem-me mostrar-lhes que até *Hashem* concorda comigo" – disse *Rabi* Eliêzer. "Estão vendo esta alfarrobeira no pátio? Se eu tiver razão, que D'us faça esta árvore mover-se 100 *amot* (48 metros) adiante!"

*Rabi* Eliêzer escolheu propositadamente a alfarrobeira, para dar um indício aos sábios. Assim como a alfarrobeira produz frutos somente uma vez a cada setenta anos, assim as palavras de *Torá* dos sábios – seus frutos – não eram nem produtivas nem verdadeiras.

Assim que *Rabi* Eliêzer ordenou, a árvore moveu-se 100 *amot*. "Agora vêem como estou certo?" perguntou.

"Isto não prova que você está certo!" responderam os sábios. "Como você é um grande *tsadic*, *Hashem* está fazendo milagres para você!"

"Não é verdade," insistiu *Rabi* Eliêzer. "*Hashem* fez isso para provar que estou certo. Repito: o forno está puro! Se não acreditam em mim, que o riacho do outro lado corra para trás!"

*Rabi* Eliêzer indicou aos outros que a *Torá* deles (que é comparada à água) estava indo na direção errada.

O riacho realmente retrocedeu no seu curso. Isto era um verdadeiro milagre. Porém, os sábios recusaram ceder a *Rabi* Eliêzer.

"Que as paredes do *Bet Hamidrash* (Casa de Estudos) caiam!" gritou *Rabi* Eliêzer. Ele estava indicando a eles que o *Bet Hamidrash* não merecia continuar de pé por causa da sua decisão errada.

Quando as paredes começaram a desabar para dentro, *Rabi* Yehoshua disse a elas: "Como vocês, paredes, ousam se intrometer em uma discussão entre os sábios? Endireitem-se imediatamente!"

As paredes tinham um problema. Não podiam cair em respeito a *Rabi* Yehoshua; e não podiam endireitar-se em respeito a *Rabi* Eliêzer. Por isso mantiveram-se inclinadas.

Quando *Rabi* Eliêzer viu que os milagres não convenceram os sábios, clamou: "Que o próprio D'us prove que estou certo!"

Imediatamente, uma voz Celestial ressoou no *Bet Hamidrash*: "*Rabi* Eliêzer está certo!"

*Rabi* Yehoshua veio e retrucou: "*Hashem!* Não foi Você quem ordenou na Sua *Torá* que nós sempre temos que seguir a opinião da maioria do *San'hedrin*? Não vamos ouvir a Voz Celestial. Você com certeza só fez isso para testar-nos!"

A *Halachá* (Lei) permaneceu de acordo com a maioria do *San'hedrin*. Toda a comida assada nos fornos que *Rabi* Eliêzer declarou serem "puros" foi queimada para se ter certeza de que ninguém seguisse a sua opinião.

### **A submissão à autoridade máxima preserva a *Torá***

*Raban* Gamliel, que presidia o Grande *San'hedrin* em Yavnê após a destruição do Segundo *Bet Hamicdash*, certa vez fixou o dia de *Rosh Chodesh Tishrei* de acordo com duas testemunhas que observaram a lua nova. O Sábio *Rabi* Yehoshua declarou o testemunho inválido, e *Rosh Chodesh* teve de ser adiado por um dia. Por conseguinte, de acordo com a opinião de *Rabi* Yehoshua, *Yom Kipur* (que cai em dez de *Tishrei*) também seria adiado por um dia.

*Raban* Gamliel enviou uma mensagem a *Rabi* Yehoshua: "Decreto que compareça perante mim com sua bengala e carteira no dia que você decretou como *Yom Kipur* (para demonstrar publicamente que ao "profanar" seu *Yom Kipur*, você está se submetendo à autoridade do *San'hedrin*).

*Rabi* Yehoshua ficou muito angustiado ao receber esta convocação. *Rabi* Akiva, contudo, consolou-o, explicando que *Rabi* Yehoshua não incorreria em pecado portando objetos em "seu" *Yom Kipur*; pelo contrário, seria recompensado por obedecer ao *San'hedrin*.

No dia em que, segundo seus cálculos, seria *Yom Kipur*, *Rabi* Yehoshua pegou sua bengala e carteira e compareceu perante o líder do *San'hedrin* em Yavnê.

*Raban* Gamliel levantou-se, beijou-o na testa e disse: "A paz esteja contigo, meu mestre e pupilo – meu mestre em sabedoria da *Torá*, e meu pupilo por ter obedecido minhas ordens."

O Mestre do Universo ordenou que nos submetamos à autoridade máxima e suprema dos líderes de *Torá*, para preservar a unidade da *Torá*. Se cada judeu interpretasse a *Torá* e aplicasse as *mitsvot* segundo seu próprio ponto de vista, ocorreria uma total desintegração da *Torá*, e conseqüentemente, a dissolução da nação.

Por que recitamos a bênção "*Asher kideshánu bemitsvotav vetsivánu...*" Abençoado é Ele, Que nos santificou com Seus mandamentos, e nos ordenou a ..." ao acendermos velas de *Chanucá* e cumprir outras *mitsvot* não explícitas na *Torá*, mas instituídas pelos Sábios?

Através desses atos, cumprimos o mandamento de obedecer ao *San'hedrin*, como está escrito: "Não deves desviar-te do assunto que eles (os Sábios) te declararão, nem para a direita, nem para a esquerda." (17:11)

A *Torá* nos admoesta a cumprir os decretos dos Sábios, como parte da observância da *Torá*.

Hoje em dia não temos *San'hedrin*. Como a *mitsvá* de obedecer ao *San'hedrin* pode ser aplicada a nós?

Devemos ouvir os conselhos dos grandes líderes espirituais da nossa geração. Mesmo se eles não se equiparam em sabedoria aos juizes de antigamente, deve-se obedecê-los, pois tudo o que temos é "o juiz de nossa própria época". D'us não deixa seu povo sujeito à anarquia; Ele providencia líderes compatíveis com as necessidades de sua época e local.

### ***Zaken mamré* – o sábio que desobedece o *San'hedrin***

Se um judeu desobedece uma regra do Grande *San'hedrin* ou dos líderes espirituais de sua geração, está transgredindo um mandamento da *Torá*. Se um sábio competente, na época do *Bet Hamicdash*, instrísse outras pessoas a agir contrariamente às regras do Grande *San'hedrin*, ou ele mesmo agisse desta maneira, podia até ser condenado à morte. Por que era punido tão rigorosamente?

Com isso, a *Torá* quer nos demonstrar a importância fundamental de obedecer a palavra de D'us formulada pelo *San'hedrin*.

Inevitavelmente, haverá diferenças de opinião sobre como interpretar a Lei Escrita, e aplicá-la à novas situações. Todavia, se todos os pontos de vista tivessem o mesmo status de idêntica legitimidade, as disputas se multiplicariam, resultando em diversas versões da *Torá*, cada qual competindo com as outras. Por este motivo, a *Torá* investiu o *San'hedrin* de plena autoridade para resolver todas as disputas e suas decisões seriam acatadas até mesmo por eminentes estudiosos. Pois um judeu deve acreditar que D'us guia e orienta as decisões de Seus servos devotos.

Instituir e promulgar a autoridade dos Sábios é tão importante que a *Torá* impôs a pena capital para qualquer juiz – mesmo para um juiz notável – que legisle contra as decisões majoritárias do Grande *San'hedrin*.

## **A mitsvá de nomear um rei**

Podemos pensar que basta ter um *San'hedrin* que cuida da nação judia. Mas Moshê explicou que: "Além do *San'hedrin*, *Hashem* quer que vocês tenham um rei. O rei se preocupará que o país esteja funcionando de acordo com a Lei da *Torá*. Ele também os liderará em caso de guerra."

*Benê Yisrael* deveriam cumprir três *mitsvot* ao se estabelecer na Terra de Israel: 1. escolher e coroar um rei; 2. exterminar os descendentes de Amalec e; 3. construir o *Bet Hamicdash*.

Assim, não nos é apenas permitido, mas numa determinada época do futuro, nos é ordenado que nossa nação exija um rei. Até mesmo as profecias sobre a Era Messiânica, que descrevem Israel em seu mais elevado nível espiritual, versam sobre um rei da dinastia de David.

Portanto, a monarquia é uma situação desejável. Não obstante, quando o povo pediu que o profeta Shemuel lhe desse um rei, "para que possamos ser como os povos à nossa volta", ele reagiu com desapontamento e ira. *Benê Yisrael* deveriam ter pedido um rei que os liderasse, inspirasse e fosse exemplo de alguém que serve a D'us altruística e sinceramente.

Em vez disto, disseram que queriam um rei apenas para imitar seus vizinhos. O objetivo que D'us estabeleceu para os judeus é ser igual à qualquer outro povo, cujas aspirações são apenas glória, riqueza e conquistas?

Por causa do desejo equivocado da nação, seu primeiro rei, o justo Shaul, não pôde manter seu trono permanentemente.

## **Benê Yisrael devem respeitar e temer seu rei**

Há várias leis referentes a isso:

- \* Um rei recém-escolhido é levado para uma fonte de água. Lá, ele é ungido com óleo (*shêmen hamishchá*).
  - \* Quando as pessoas vêem o rei judeu, devem mencionar uma bênção: "*Baruch shechalac micvodô lireav / Abençoado és tu, Hashem, que compartilha Sua honra com aqueles que O temem.*"
  - \* É proibido sentar no trono, cavalgar em seu cavalo, usar o cetro ou qualquer um de seus objetos pessoais.
  - \* Os reis descendentes de David são as únicas pessoas que têm a permissão de sentar-se no pátio do *Bet Hamicdash*. Todos os outros devem ficar de pé.
  - \* O rei tem seu cabelo cortado todo dia para ter sempre uma boa aparência. Pessoas são proibidas de assistir ao seu corte de cabelo, para que não percam o respeito por ele.
  - \* Todos, mesmo um *navi* (profeta), devem se curvar perante ele, exceto o *Cohen Gadol* (Sumo Sacerdote). Porém, é uma *mitsvá* que o rei honre os Sábios de *Torá*.
  - \* Um judeu que desobedece a ordem real merece pena capital.
- Foi dito sobre o rei Yehoshafat que quando um sábio entrava, ele se levantava e clamava: "Meu mestre e rabino!"

## **As mitsvot especiais do rei**

1. Ele não deve manter cavalos demais: na época dos reis judeus, o Egito era famoso pela sua criação de cavalos. Se um rei queria muitos cavalos, poderia fazer com que alguns judeus se estabelecessem no Egito para que lhe mandassem cavalos de lá. *Hashem* disse: "Não quero que os judeus viajem para o Egito e permaneçam lá. O Egito é um país perverso, que influenciará negativamente *Benê Yisrael*."

Outra razão por que o rei judeu não pode ter um grande número de cavalos: o cavalo era muito importante em tempo de guerra. Quanto mais cavalos tivesse um rei, mais certeza teria das suas vitórias.

Um rei judeu deve saber que é *Hashem* que lhe dá a vitória, tanto se ele tem cavalos, ou não. Portanto, o rei recebe a ordem de não manter cavalos demais em seus estábulos.

2. Ele não deve exagerar no ouro e na prata: reis não-judeus enchiam seus tesouros com ouro e prata. Um rei judeu pode armazenar dinheiro o bastante para as suas necessidades, mas não deve perder seu tempo acumulando fortuna. Aparentemente, não haveria necessidade de a *Torá* dizer por que adverte sobre a posse de muito dinheiro, pois as tentações do excesso de riqueza são muito bem conhecidas. Riqueza demais leva ao orgulho e ao esquecimento de que existe um D'us.

Porém, era uma *mitsvá* para o rei coletar ouro e prata para o *Bet Hamicdash*.

3. Ele não pode ter muitas esposas: todos os reis antigos casavam-se com muitas mulheres. Um rei judeu era proibido de fazer o mesmo. Muitas mulheres iriam desviar seu coração de *Hashem*. Aos reis também foi dito que deveriam casar-se somente com mulheres tementes a D'us.

## **O erro do Rei Shelomô**

O Rei Shelomô foi o ser humano mais sábio da Terra. Ele disse: "É verdade que a *Torá* proíbe o rei de ter muitas esposas. Isso poderá desviar seu coração de *Hashem*. Porém esta *mitsvá* não se aplica a mim. Sou tão

sábio e temo tanto a D'us que, mesmo se me casar com muitas mulheres, elas nunca me influenciarão para o mau caminho. Se eu tiver muitas esposas, elas me darão muitos filhos guerreiros.

"A *Torá* também proíbe um rei de ter muitos cavalos, para que ele não faça com que judeus assentem-se no Egito. Esta *mitsvá*, também, não foi dita para mim. Nunca deixarei judeus morarem no Egito. Sou inteligente o suficiente para comprar cavalos de diferentes países."

Shelomô também pensou que coletar muito ouro e prata não iria prejudicá-lo.

A letra *yud* voou para o trono de *Hashem* e reclamou: "Mestre do Universo! Você prometeu que nenhuma letra da *Torá* seria mudada. Porém Shelomô me trocou! Eu apareço nas palavras da *Torá* 'lo *yarbe*', 'o rei não deve ter a mais!' O rei Shelomô desobedeceu esta *mitsvá*!"

*Hashem* confortou o *yud*: "Não se preocupe! Mesmo uma pequena letra como você é muito importante! Você verá que Shelomô errou. Aí ficará claro que as Leis da *Torá* se aplicam a todos, sem exceções."

E assim aconteceu. Quando Shelomô tinha mais idade, suas esposas (que se converteram ao Judaísmo antes de se casarem com ele) serviram a ídolos. Shelomô não protestou o suficiente. *Hashem* ficou tão aborrecido com o Rei Shelomô que Ele escreveu na *Torá*: "Shelomô serviu a ídolos." Para um grande *tsadic* como Shelomô, isso foi considerado como se ele mesmo tivesse praticado idolatria.

O Rei Shelomô também adquiriu cavalos demais. Em conseqüência, alguns judeus acabaram morando no Egito. Mais ainda, os impostos que seu vasto tesouro exigia fizeram com que a nação se dividisse após sua morte.

Shelomô compôs um livro cheio de sábios conselhos, chamado *Cohêlet*. Nele, ele escreve: "Eu me apoiei na minha grande sabedoria e ignorei as palavras da *Torá*, enraivecendo a D'us. As *mitsvot* de D'us são mais sábias do que tudo que um ser humano poderia sequer imaginar."

A *Torá*, geralmente, não nos dá a razão das *mitsvot*. Shelomô falhou, pois a *Torá* deu a razão das *mitsvot* dos reis. Ele racionalizou que elas não se aplicavam a ele. Se a *Torá* tivesse nos ensinado o significado de outras *mitsvot*, poderíamos transgredi-las também, achando que estas não se aplicam a nós.

### **O rei deve cumprir uma outra *mitsvá*:**

4. O *Sefer Torá* do rei: andamos com rádios portáteis e celulares para não perdermos nenhum programa de rádio ou chamada telefônica, onde quer que estejamos. Nos tempos dos reis judeus, eles levavam consigo mais uma coisa: um mini *Sefer Torá*. Tinham-no sempre consigo: no palácio, em viagem, e mesmo nas batalhas.

O rei sempre estava extremamente atarefado. Poderíamos pensar portanto que ele era isento do estudo diário da *Torá*. Mas não, a *Torá* ordena: "O rei deve ter dois *Sifré Torá*. Um é guardado em seu tesouro. E o outro é carregado por ele aonde quer que vá, a cada dia de sua vida. Este vai ensiná-lo a temer a D'us e cumprir Suas *mitsvot*. Também o impedirá de tornar-se orgulhoso ou arrogante demais em relação aos seus irmãos.

Em proporção à imensa honra que ele recebe, o rei deve se destacar na virtude da humildade (sentindo-se especialmente subjugado e grato a *Hashem*, que tanto o distinguiu). Para reduzir o perigo da arrogância, a *Torá* ordena ao rei carregar consigo um *Sêfer Torá* para estudo freqüente e para recordar a toda hora sua posição como servo de D'us.

Em seu coração ele nunca deve esquecer que afinal, é somente um ser humano e *Hashem* é o verdadeiro Rei. Para demonstrar sua grande humildade, o rei tinha que se curvar na oração da *Amidá* até mais do que pessoas comuns. Nós nos inclinamos quatro vezes, porém o rei tinha que manter-se curvado ao longo de toda a *Amidá*. Se um rei, que deve manter a dignidade, e para quem uma certa pompa é apropriada, é proibido de sentir orgulho e altivez, então certamente um indivíduo deve extirpar este traço detestável e abominável de seu coração. Apenas *Hashem* é Grande, e seres humanos só devem orgulhar-se de servi-Lo.

Maimônides escreve: A *Torá* aqui proíbe a presunção e a vaidade. Até mesmo o rei, apesar da sua posição especial, é proibido de ser arrogante, quanto mais as pessoas simples. D'us não tolera soberba alguma. Somente a D'us pertence toda a grandeza, a força e a glória.

### **O Rei David e o Rei Mashiach**

Assim como os grandes Sábios, o Rei David nunca tinha tempo para dormir adequadamente. Estudava *Torá* até o meio da noite, cochilando somente quando estava exausto. À meia-noite, o vento norte tocava as cordas da harpa que ficava sobre o seu leito. Este era um sinal para David acordar. Então, cantava músicas de louvor a *Hashem* até o amanhecer.

Durante o dia, ele se encontrava com reis estrangeiros. Não discutia política com eles. Em vez disso falava sobre *Torá*, seu assunto favorito.

Os judeus seguiam o exemplo de seus reis. O rei era a inspiração para o espírito nacional. Por isso, na época de David, todos estudavam *Torá*.

O Rei David era muito humilde. Nunca levantava a cabeça ao andar entre seus súditos. Dizia a *Hashem*: "Posso ser o rei, porém você é o Rei dos reis."

*Hashem* denominou David de Seu servo. Prometeu que o reinado continuaria na família de David para sempre.

Apesar de o reinado de David estar suspenso enquanto estamos no exílio, D'us prometeu que Ele irá restaurá-lo no futuro. Mashiach também será um descendente do Rei David.

Maimônides traz a seguinte *Halachá* (Lei) que descreve o Mashiach: "Se surgir um rei da casa de David que se ocupará com a *Torá* e as *mitsvot* – tanto a *Torá* Oral como a *Torá* Escrita – assim como seu antecedente David, e que fará todos os judeus retornarem para a observância, podemos presumir que ele é o Mashiach.

"Se tiver sucesso reconstruindo o *Bet Hamicdash* e reunindo os exilados, certamente é o Mashiach. Mashiach fará com que o mundo todo retorne ao caminho da verdade, e com que todas as nações sirvam a D'us em harmonia."

### **Os *Cohanim* trabalham no *Bet Hamicdash* em turnos (*mishmarot*)**

Moshê ordenou que os *cohanim* fossem divididos em oito vigílias, ou grupos, que trabalhariam em turnos para realizar o serviço no Tabernáculo. Mais tarde, o Rei David e o Profeta Shemuel aumentaram o número de turnos para vinte e quatro. Desta forma, cada *cohen* ficaria "de plantão" por pouco mais que duas semanas ao ano. Apesar de o serviço regular ser uma prerrogativa do turno designado, qualquer *cohen* podia realizar o serviço de suas oferendas pessoais a qualquer época do ano; e ir ao Templo durante *Pêssach*, *Shavuot* e *Sucot* tomar parte no serviço, recebendo em troca parte das oferendas da comunidade.

Em *Êrets Yisrael* os *cohanim* viverão espalhados por todo o país, e irão a Yerushaláyim apenas quando for seu respectivo turno de realizar os serviços. Durante o resto do ano, os *cohanim* cumprirão suas obrigações guiando o povo no caminho da *Torá*, ensinando-os e sendo um exemplo pessoal.

### **Presentes sacerdotais**

A *Torá* continua a enumerar os privilégios e obrigações dos líderes das nações. Começou com o rei, que é o líder temporário, porém deve estar sob a absoluta autoridade da *Torá* e Seu Outorgante. A seguir, vêm os *cohanim*, que são os mestres da *Torá* (além de suas obrigações no Templo). Os *cohanim* não receberam uma porção da Terra, de modo que possam dedicar-se totalmente às atividades espirituais. Tendo dito isso, a *Torá* preocupa-se com seu sustento determinando-lhes presentes que o povo lhes dá.

Os *cohanim* recebem a ante-coxa, as mandíbulas e o estômago de cada animal doméstico *casher* abatido. (Isto não se aplica às oferendas do Templo.)

A escolha destas partes dos animais simboliza o serviço no Templo. Como recompensa por usarem o braço direito para abater as oferendas, os *cohanim* recebem a ante-coxa direita. Em troca da bênção sacerdotal (*Bircat Cohanim*) ao povo, recebem a mandíbula, que inclui a língua do animal. Por examinarem o interior do animal (por causa de possíveis desqualificações), recebem o estômago.

### **A proibição de consultar um mago**

A *Torá* já falou sobre os líderes da nação. Agora, versa sobre a maneira pela qual *Hashem* comunica Sua vontade e acerca do que o povo deve saber sobre o futuro para cumprir suas obrigações com D'us.

Mas antes, por ser da natureza humana querer saber o futuro e utilizar-se de quaisquer meios para obter seus fins com êxito, a *Torá* proíbe os judeus de copiarem as práticas utilizadas por outras nações para prever acontecimentos futuros. Essas práticas são abomináveis aos olhos de D'us. *Benê Yisrael* têm de ter fé que D'us lhes dará toda a sabedoria de que precisam, e agirem de acordo, com confiança e lealdade.

Apesar dos métodos à disposição dos idólatras para investigar o futuro, devemos seguir D'us com fé completa e perfeita, sem sentir necessidade de saber o que irá acontecer: "*Tamim tihyê im Hashem Elokecha* / Sejas íntegro com *Hashem*, teu D'us." Se tivermos confiança plena e total em *Hashem*, todas as previsões dos magos e videntes não terão significado algum, pois D'us reverterá qualquer mal contra Israel. A prova disso vem dos nossos antepassados, Avraham e Sara, que pelas leis da natureza estavam fadados a não ter filhos, mas *Hashem* inverteu o destino mostrado pelas estrelas. Assim sendo, o judeu não precisa de feitiçaria, apenas de sincera obediência a D'us.

Quando um rei não-judeu queria empreender uma guerra, ele antes perguntava ao seu adivinho se ele seria ou não vitorioso. Um rei judeu é proibido de fazer isso. É seu dever e do *San'hedrin* assegurar que não existam bruxos em *Êrets Yisrael*.

Todas as antigas nações tinham mágicos, incluindo a terra de *Kenaan*. Alguns eram *baalê ov*: convocavam os espíritos de pessoas mortas e formulavam perguntas sobre o futuro. Havia outro tipo de mago chamado *yideoni*: ele colocava o osso de um animal na boca, e o osso começava a falar.

Os não-judeus também tinham alguns sinais de "sorte" e de "azar". Por exemplo, se alguém comesse pão e um pedaço caísse de sua boca, era considerado um azarado.

Moshê avisou: "Vocês não podem acreditar em todas estas superstições, assim como consultar mágicos e astrólogos é proibido."

### **Conhecendo o futuro**

“Só Ihes é permitido conhecer o futuro de duas formas:

1. Podem consultar um profeta de *Hashem*.

2. O rei ou o presidente do *San'hedrin* podem perguntar aos *urim vetumim*.”

Como os *urim vetumim* respondiam? Como sabemos, o *Cohen Gadol* usava o *Chôshen* (peitoral). Sobre ele havia doze pedras preciosas com os nomes das doze tribos gravados. Os *urim vetumim*, o nome sagrado de *Hashem*, ficavam ocultos dentro do *Chôshen*. Isso fazia com que as letras do *Chôshen* se iluminassem.

### **O Chôshen**

Cada pedra preciosa do *Chôshen* continha seis letras: o nome da tribo e letras adicionais. As letras extras formavam as palavras “Avraham Yitschac Yaacov, *Shivtê Yeshurun*”, tribos de Israel. Deste modo, todas as letras do alfabeto hebraico se encontravam no *Chôshen*.

Se o rei, por exemplo, queria saber se ia ou não para a guerra, procurava o *Cohen Gadol*. Dizia a ele: “Por favor, consulte os *urim vetumim* se devo ir à guerra.” O *Cohen Gadol* olhava para o *Chôshen* e via algumas letras brilhando. Quando juntava estas letras, tinha a resposta. Digamos, que a letra *g* *Ayin* de Shim'on, *k* *Lamed* de Levi, *v* *Hê* de Avraham e *,* *Taf* de Naftali se acendiam. Juntas, elas formavam *,* *v* *k* *g*. A resposta estava naquela palavra, porém o *Cohen Gadol* devia rearranjar as letras com seu *rúach hacodesh*, dom profético. No nosso exemplo, a resposta seria: *Taalê* *v* *k* *g* *,* – Vá para a guerra!

As predições do *urim vetumim* sempre se realizavam; não havia exceções.

No segundo *Bet Hamicdash*, o *Cohen Gadol* ainda usava o *Chôshen*, porém este não mais possuía os *urim vetumim* dentro dele. Sem o nome sagrado de D'us, o *Chôshen* não podia ser consultado.

### **Como reconhecer um verdadeiro profeta**

*Hashem* garantiu ao judeus que não precisam temer os esforços dos feiticeiros, pois o destino de *Benê Yisrael* está muito acima da capacidade de qualquer um de prejudicá-los. E mais ainda: a fim de que os judeus não temam que as proibições anteriores de estudar o futuro os tornem inferiores aos seus vizinhos, D'us Ihes garantiu que Ele Ihes enviará profetas.

Moshê explicou como reconhecer um profeta de *Hashem*. Primeiramente, o profeta deve ser Sábio e *tsadic*. Ele deve guardar todas as *mitsvot* de *Hashem*. Se ele não o faz, não é um verdadeiro profeta, apesar dos sinais que ele dá. Não devemos ter nada com ele.

Moshê disse: “O profeta que declarar que D'us tem falado com ele deve ser testado. Perguntem a ele algo sobre o futuro. Se a predição realizar-se, a *Torá* ordena que vocês acreditem nele dali em diante. Se o seu sinal não se confirmar, ele é um falso profeta. Vocês devem condená-lo à morte.”

### **Leis Referentes às Cidades de Refúgio**

Em *Parashat Maassê* a *Torá* explica que um assassino não intencional deve evadir-se para a Cidade de Refúgio. Seu exílio expia sua culpa, e enquanto está dentro da Cidade de Refúgio, está protegido.

Moshê acrescentou outros detalhes referentes à Cidade de Refúgio, dentre eles:

- É dever do Grande *San'hedrin* assegurar que todas as estradas que conduzem à Cidade de Refúgio estejam com o piso em ordem e sejam lisas e muito bem sinalizadas.

Anualmente, em quinze de *Adar*, o *San'hedrin* despachava homens para inspecionar todas as estradas que conduziam às Cidades de Refúgio. Se necessário, reparos eram feitos nas estradas e pontes construídas.

- O *San'hedrin* construía e instalava placas sinalizadoras que indicavam a direção das Cidades de Refúgio, nas quais se lia “*Miclat-Refúgio*”, em todos os cruzamentos e trevos. As estradas tinham a largura de 32 cúbitos (15,36m) para garantir o fácil acesso.

Se *Hashem* está tão preocupado com que até pessoas que pecaram encontrem o caminho correto, quão mais não o será com os *tsadikim*!

- Se os juízes classificarem um assassino como “intencional,” não devem poupá-lo da pena capital (desde que preenchidas todas as condições). Que não digam: “Um judeu já foi morto, que bem fará matar mais um?”

Poupando um homicida intencional, os juízes encorajam o futuro derramamento de sangue, pelo qual *Hashem* os considera responsáveis.

Moshê estabeleceu três Cidades de Refúgio do lado leste do Jordão, e Yehoshua mais três em *Êrets Yisrael*. (As três cidades não estavam situadas de acordo com a densidade populacional, mas com a distância das fronteiras norte-sul, e uma da outra. As distâncias eram idênticas da fronteira à primeira cidade, da primeira à segunda, da segunda à terceira, e da terceira à fronteira.)

Somos ordenados a denominar e estabelecer três Cidades de Refúgio na Era de Mashiach, quando *Hashem* ampliará nosso território, de modo que este incluirá as terras de Edom, Amon e Moav. Originalmente, *Hashem* prometeu essas terras a Avraham; Ele nos dará essas terras no futuro.



## **A Cidade de Refúgio e sua ligação com o mês de Elul**

Nossos Sábios explicam que a palavra *Elul*, nome do mês corrente de preparação para *Rosh Hashaná*, possui intrínseca conexão com as Cidades de Refúgio. Este mês especial, devotado a maiores esforços nas orações, bons atos e *teshuvá*, é uma “Cidade de Refúgio” para aqueles que pecaram.

Analogamente, podemos “correr” para nos abrigar no mês de *Elul*, afastando-nos de antigos modos de vida indesejáveis, e devotando maiores esforços nas orações, *tsedacá* e *teshuvá*, e encontrar abrigo e expiação neste mês para todas as falhas, quer tenham sido cometidas de maneira deliberada ou não.

Como a vida no exílio na Cidade de Refúgio possibilita essa expiação, assim também a vida no “exílio” (dos maus traços de caráter) na *teshuvá* da cidade de Refúgio de *Elul*, fornece perdão completo, de modo que *Hashem* nos inscreverá e selará para um ano vindouro bom e doce.

## **Hassagat Guevul – a proibição de remover a fronteira de alguém a fim de ganhar terras**

O judeu é advertido a não estender sua propriedade de maneira fraudulenta, mudando de lugar sua cerca ou fronteira secretamente. Se o fizer, transgredir a proibição de *hassagat guevul* – mover a linha fronteiriça, além da proibição de roubo.

Este é um dos pecados que causaram a destruição do Primeiro *Bet Hamicdash*. Frequentemente, dois proprietários de terra ricos cujas terras flanqueavam a propriedade de um pobre avançavam mais e mais suas cercas para dentro das terras do pobre, terminando por espremê-lo para fora das terras.

A proibição de mover a fronteira possui uma implicação mais ampla: cada judeu deve aceitar as terras que lhe foram designadas, concedidas pelo sorteio Divino quando Yehoshua e os líderes das tribos distribuíram a terra. Ninguém podia reivindicar qualquer mudança na divisão.

## **O Bet Din necessita de duas testemunhas**

A *Torá* ordena: “O *Bet Din* pode punir uma pessoa apenas mediante duas testemunhas oculares que a viram cometendo o pecado.”

O que acontece se ele só for visto por uma testemunha? *Hashem* é quem punirá o pecador; o *Bet Din* não tem poder neste caso. Na verdade, se uma só pessoa vir alguém cometendo um pecado, é errado reportar o caso ao *Bet Din*.

Porém, se duas testemunhas viram um pecado sendo cometido, é uma *mitsvá* ir reportar ao *Bet Din*. Elas não podem ignorar isto.

## **Edim zomemim / testemunhas falsas**

Um tribunal judaico não pode basear seu veredicto em evidências circunstanciais, boatos, testemunho escrito, ou o testemunho de uma só pessoa. Só é aceito o testemunho oral de duas testemunhas oculares e válidas que comparecem à corte.

Elas são submetidas a um minucioso interrogatório feito pelos juízes.

No caso de as testemunhas terem apresentado um falso testemunho tão convincente que até o interrogatório dos juízes não pode provar nada contra, a *Torá* não responsabilizará os juízes por fatores ocultos que eles possivelmente não tenham trazido à luz. Se alguém fosse executado como resultado disso, D'us teria causado sua morte desta maneira, porque ele provavelmente já era culpado por outro pecado.

Se dois pares de testemunhas se contradizem em relação a determinado assunto, o testemunho de ambos é anulado. Porém, se o segundo par prova que o primeiro par não estava presente na hora que eles afirmam ser a hora do crime, o testemunho deste último par é aceito.

Por exemplo:

Testemunhas A e B: “Nós observamos fulano assassinar seu vizinho no nosso pátio de trás (especificando a localização) em tal lugar, no *Shabat* à noite, às onze horas.”

Testemunhas C e D contradizem: “Era impossível vocês terem visto isso em tal lugar às onze horas da noite, pois nós dois vimos vocês deixarem a casa de fulano no outro lado da cidade exatamente a esta hora!”

A *Torá* decretou que o último par de testemunhas – contanto que tenham passado no exame dos juízes satisfatoriamente – deve ser acreditado. O primeiro par é declarado como “*edim zomemim* – testemunhas conspiradoras”.

Qual é a punição dos conspiradores? Eles recebiam aquilo que planejaram para a sua vítima. Se acusaram-na de assassinato e ela receberia a pena de morte, eles são condenados à morte em seu lugar.

A *Torá* diz, porém, que se a fraude é descoberta somente após a execução da vítima, a falsa testemunha não é punida. Presumimos que se *Hashem* deixou isto acontecer, havia uma razão; a vítima possivelmente era culpada de algum crime ou pecado anterior.

## Como um exército judeu se prepara para a guerra

Este capítulo lida com diversos aspectos da conduta do povo quando vai à guerra. Começa exortando o povo a não temer os inimigos, pois é *Hashem* que luta por eles. A seguir, isenta algumas categorias de pessoas do serviço militar. Ordena aos judeus que ofereçam paz aos inimigos antes de iniciarem a batalha e, finalmente, proíbe os judeus de destruírem as árvores frutíferas durante um cerco.

Numa guerra ordenada por *Hashem*, há uma *mitsvá* que se aplica a cada soldado individualmente:

Não temer a força do inimigo ou sua superioridade numérica. "Vocês são superiores aos inimigos em boas ações e também são descendentes dos Patriarcas, aos quais prometi multiplicar sua semente," diz *Hashem*.

"Assim como os tirei do Egito com milagres, posso realizar milagres sempre que necessário."

Após a travessia do Mar Vermelho, *Benê Yisrael* cantaram: "*Sus verochvo rama bayam / O cavalo e cavaleiro, Ele lançou ao mar.*" O faraó perseguiu os judeus com um grande exército, mas aos olhos de *Hashem* eles eram somente como um cavalo.

Mesmo se o inimigo é maior e mais forte, um judeu deve confiar em D'us. *Hashem* diz: "Diante de mim, o mais poderoso inimigo não é nada."

*Hashem* não quer que contemos apenas com milagres, daí a necessidade de organizar um exército. Porém, o soldado judeu não deve tampouco confiar no poderio bélico.

Recitamos diariamente nas orações matutinas (no trecho de *Haleluca*): "*Lô bigvurat hassus yechpats... / Hashem não quer aquele que confia na força do cavalo, nem na velocidade das pernas humanas. Hashem deseja aquele que O teme, que anseia pela Sua bondade.*" (*Tehilim* 147;10)

## Quem é desqualificado para lutar nas guerras

Antes de cada batalha, um *cohen* especial era nomeado. Em sua frente era despejado o óleo especial usado para os *Cohanim Guedolim* (Sumos Sacerdotes) e reis, e ele era denominado o *cohen mashuach milchamá* (o *cohen* nomeado para a guerra). Seu trabalho era encorajar os soldados judeus e lembrá-los de que *Hashem* estava com eles e lhes ensinar as *mitsvot* referentes às guerras.

Ele começava seu discurso com as palavras "*Shemá Yisrael*", como um sinal que: "Vocês merecem a ajuda Divina mesmo se o seu único mérito é o de falar '*Shemá Yisrael*' toda manhã e noite!" Ele continuava: "Não temam. *Hashem* está com vocês."

Depois de encorajar os soldados, o *cohen mashuach milchamá* anunciava que determinados grupos de pessoas eram proibidos de lutar. Estas eram as palavras do *cohen*:

1. Há alguém entre vocês que tenha construído uma nova casa e ainda não se mudou para lá? Neste caso, não deve ir à batalha. Deixe o exército e inaugure a nova casa!

2. Há alguém aqui que tenha plantado um vinhedo e ainda não comeu dos seus frutos? Retorne para casa.

3. Alguém está comprometido com uma mulher e ainda não a desposou? Vá para casa e case-se!

Além do *cohen mashuach milchamá*, havia também os oficiais encarregados. Os oficiais repetiam as palavras do *cohen* e acrescentavam:

4. Se algum de vocês fica aterrorizado ao ver lanças serem jogadas, deve voltar para casa!

Nossos Sábios explicam que isso também significa: Se alguém está com medo dos pecados por ele cometidos, que vá para casa!

Se alguém pecou, *Hashem* não o ajudaria na guerra. Seria melhor ele não lutar.

Qual era a razão de mandar para casa todo aquele que pertencia aos primeiros três grupos citados acima?

Imagine um soldado chamado para a guerra exatamente antes do seu casamento. Seu coração está repleto de preocupação. Ele pode nunca voltar. Outra pessoa pode desposar sua noiva! Ele provavelmente não conseguirá se concentrar e lutar bravamente. Não só não terá coragem, como também servirá de mau exemplo para outros soldados. Por isso, o exército estará melhor sem ele. O mesmo se dá com alguém que não teve chance de morar em sua nova casa ou usufruir as frutas do seu vinhedo.

Há também uma outra explicação: a *Torá* somente pretendia mandar para casa aquele que tivesse medo de batalha ou aquele que tivesse pecado. Porém seria muito embaraçoso para esta pessoa ir embora! Todos saberiam que ele era ou um covarde ou um pecador! Por isso, para protegê-los da vergonha, a *Torá* ordena também os outros três grupos de pessoas a voltar.

Desta forma, quando todos estes grupos deixavam o exército para ir para casa, os outros não saberiam exatamente quem não era valente o suficiente ou quem era um pecador.

Estas leis nos mostram como devemos ser cuidadosos para não constranger um judeu, principalmente em público.

## Preservar as árvores frutíferas

Quando os exércitos iam para a guerra, os conquistadores costumavam derrubar todas as árvores da área. Eles destruíam tudo e devastavam a terra.

A *Torá* ordena: "Se o seu exército estiver cercando uma cidade inimiga em tempo de guerra, vocês não podem derrubar nenhuma árvore frutífera antes ou depois de conquistar a cidade. Vocês não têm o direito de destruir árvores frutíferas desnecessariamente."

Numa guerra, é permitido atacar os soldados do inimigo, porém uma árvore não é um soldado! Por que os judeus deveriam sentir necessidade de destruir qualquer árvore frutífera?

"*Ki haadam ets hassadê / Será que a árvore do campo é como o homem?*"

Em meio ao capítulo que versa sobre guerra, que por definição é destrutiva, a *Torá* exige que os judeus tenham consciência da necessidade de manter o respeito pelo bem-estar geral. Se as pessoas tentarem permanecer boas mesmo em épocas que despertam seus mais baixos instintos, serão capazes de aperfeiçoar seu caráter firme e constantemente.

A analogia entre o homem e as árvores possui um significado muito mais amplo. Como as árvores precisam do crescimento de galhos, ramos, flores e frutos para que cumpram seu propósito, também o homem foi colocado aqui na terra para se desenvolver, e produzir verdade moral, intelectual e espiritual.

### **Bal Tashchit / É proibido desperdiçar**

Nossos Sábios também nos proibiram destruir ou desperdiçar qualquer coisa útil. No passado, as pessoas eram muito mais cuidadosas no que se refere a desperdício. Não tinham tanta comida, dinheiro ou roupas. Por isso, se esforçavam para fazer bom uso de tudo. Em comparação com as gerações anteriores, hoje, todos nós somos ricos. *Hashem* nos abençoou com abundância. Muitos de nós temos dinheiro suficiente para comprar o alimento e vestimenta que precisamos. Porém isso não quer dizer que podemos desperdiçar qualquer dessas coisas.

Todo alimento deve ser tratado com respeito. O *Talmud* nos conta: "Um alimento que serve para seres humanos não deve ser dado para um animal." Por quê? Isto é desrespeitoso para com o alimento e demonstra falta de gratidão para com a bênção de D'us. É certamente errado, portanto, jogar comida fora. Em vez disso, devemos planejar nossas refeições para que o alimento não seja mal aproveitado.

Fora o respeito por comida em geral, é proibido jogar fora o pão. Alguém que vê comida no chão deve levantá-la. Uma pessoa nunca deve andar sobre migalhas de pão, pois isto pode levar à pobreza. As migalhas devem ser varridas.

O cuidado com as roupas também é parte da *mitsvá* de *bal tashchit*.

Dinheiro também não deve ser desperdiçado. Um judeu não deve gastar seu dinheiro sem propósito, mesmo se este não lhe fizer falta.

### **Eglá Arufá / a bezerra cuja nuca era quebrada**

Quando um judeu, D'us não o permita, é assassinado, seu sangue clama a *Hashem* pedindo vingança. Somente quando o assassino é punido, o sangue da vítima é apaziguado.

Às vezes não sabemos quem é o assassino. Como podemos vingar o sangue do morto neste caso?

Nós o fazemos através da *eglá arufá*.

O grande *San'hedrin* em Yerushaláyim fica sabendo do assassinato. Cinco dos seus juízes são mandados ao lugar da ocorrência. Eles medem em todas as direções a partir do cadáver e decidem qual é a cidade mais próxima. Eles se preocupam em enterrar a vítima e vão embora.

Ora, o *Bet Din* da cidade mais próxima assume este caso. Seus juízes compram uma bezerra que nunca foi usada para arar a terra, e em cujo lombo nunca foi colocado um jugo. Eles a levam para um vale de terra dura que nunca foi arado. Eles quebram a nuca da bezerra com um machado. Todos os líderes de *Torá* que vivem na cidade mais próxima devem lavar suas mãos no vale e declarar: "*Yadênu lô shafchu et hadam hazê / Nossas mãos não derramaram esse sangue. Não é culpa nossa que o assassinato tenha ocorrido! Sempre que um estranho visita nossa cidade, lhe oferecemos comida e bebida e o acompanhamos quando ele se vai. Não o deixamos sair com fome.*"

Um grupo de *cohanim* também deve ir ao vale. Os *cohanim* rezam: "Por favor, *Hashem*, perdoe a todo o povo de Israel pelo assassinato!"

Mesmo se *Benê Yisrael* não forem diretamente responsáveis, a culpa é atribuída a todos.

A *Torá* não nos explica o porquê da *eglá arufá*. Esta lei é um *choc* (*mitsvá* cuja razão não nos foi revelada). Porém há algumas explicações que nos ajudam a entender melhor este assunto:

Uma bezerra que nunca tenha trabalhado ou parido é utilizada. O vale onde a bezerra é morta é um local ermo e estéril onde nada cresce. Tudo isso mostra quão terrível é um assassinato: o assassino tirou a vida da vítima – e com isso, impediu que esta se perpetuasse e continuasse a cumprir as *mitsvot*.

O povo, juízes e líderes espirituais imploravam a D'us que os perdoasse pelo assassinato. Suas orações e o ato de cumprir a *mitsvá* de *eglá arufá* expiavam o pecado.

O vale deveria permanecer deserto para sempre; ele nunca poderia ser arado. Sempre que os judeus passassem por ele, se lembrariam quão grave é o pecado do assassinato.

A *mitsvá* de *eglá arufá* também era uma forma de encontrar o assassino. Muitas pessoas costumavam se aglomerar para assistir a esta cerimônia. Elas comentariam sobre o assassinato. Quem conhecia a vítima? Será que ela tinha algum inimigo? Às vezes, algum dos presentes poderia saber de algo que levava ao descobrimento do assassino.

Se o assassino era encontrado e havia testemunhas que o viram cometer o crime, era condenado à morte.

É interessante notar que esta *mitsvá* vem logo a seguir ao trecho que contém as leis pertinentes à guerra. Infelizmente, a realidade necessita de conflitos armados contra inimigos, e seus inevitáveis resultados em termos de perdas de vidas. Contudo, o fato de existirem guerras não pode nos deixar insensíveis à perda de vidas. Todos são responsáveis pela destruição de uma única vida humana.

*Hashem* prometeu: “Se vocês se preocuparem com o sangue inocente derramado, Eu me preocuparei para que chegue o tempo quando todas as mortes cessarão. Na época de Mashiach, instrumentos de matança serão usados somente para fins pacíficos.”